

## O PATRIMÔNIO CULTURAL SOB A ÓTICA DO COTIDIANO<sup>1</sup>

---

Alicia Norma González de Castells<sup>2</sup>

Fátima Satsuki de Araujo Iino<sup>3</sup>

**Resumo:** A cidade de Laguna, SC, Brasil, em 1985, o seu Centro Histórico, foi inserido no Livro Histórico e no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, por conta de sua importância arquitetônica, com inspiração açoriana e seu valor histórico. Existem outros enfoques que dão sentido à cidade. Focando nos pescadores artesanais, sob a singularidade da pesca com o auxílio dos botos, se explora o que se entende por patrimônio cultural, quando o objeto prioritário são as práticas do cotidiano.

**Palavras-Chave:** Patrimônio Cultural, Laguna, Pesca artesanal com botos.

**Abstract:** The city of Laguna, SC, Brazil, in 1985, its Historical Center was inserted in the Historical Book and the Archaeological, Ethnographic and Landscape Book, due to its architectonic importance, with Azorean inspiration and its historical value. There are other approaches that give meaning to the city. Focusing on artisanal fishermen, under the singularity of fishing with the help of porpoises, we explore what is meant by cultural heritage, where the main object is the daily practices.

**Keywords:** Cultural Heritage, Laguna City, Craft fishing with dolphins.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no Congresso Ibero-Americano "Patrimônio, suas matérias e imatérias", na cidade de Lisboa, Portugal, ocorrido no dias 2 e 3 de novembro de 2016.

<sup>2</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, [alicianormacastells@gmail.com](mailto:alicianormacastells@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, [fatimasatsuki@gmail.com](mailto:fatimasatsuki@gmail.com)

## 1. A cidade de Laguna e a pesca artesanal

A pesca artesanal na cidade remonta ao tempo em que os indígenas Carijós ocupavam o território em que hoje está localizada Laguna. A cidade é banhada por mar, rios e lagoas, estudos arqueológicos revelam a presença dos sambaquis<sup>4</sup>, sendo apontada como uma das regiões de maiores povoadamentos durante a pré-história (CADORIN, 2003).

Na metade do século XVIII Portugal, por decisão do Conselho Ultramarino, promove o início da migração dos açorianos para o litoral de Santa Catarina. A migração açoriana que ocorreu entre os anos 1748 e 1756 foi uma “diáspora colonial”<sup>5</sup> (LACERDA, 2003). Foi nesse período que surgiram as primeiras freguesias (pequenos bairros), que constituíam os principais núcleos urbanos de concentração açoriana. A cidade desde então concebe uma ascendência açoriana muito ligada ao peixe e a pesca artesanal. Embora muitos açorianos fossem lavradores, passaram a trabalhar também com a pesca e substituíram na alimentação o consumo da farinha de trigo pela de mandioca e da carne vermelha por peixe. Nesse sentido, o contato dos imigrantes recém-chegados com os primeiros povoadores, que teriam aprendido com os Carijós as técnicas de pesca artesanal, favoreceu e deu bases culturais para a sobrevivência dos açorianos e para a formação das primeiras comunidades pesqueiras da cidade. Gradualmente a pesca artesanal foi sendo absorvida e adaptada pelos açorianos que povoaram a cidade de Laguna na lógica de subsistência. O pouco excedente era destinado para comercialização fora do estado. Outro fator definidor para pesca se tornar a principal atividade econômica da cidade foi a transformação do Porto de Laguna em um porto pesqueiro, o primeiro do estado catarinense, favorecendo a pesca em grande

---

<sup>4</sup>Sambaqui é uma palavra de origem guarani e designa, em português, depósitos antigos e fossilizados de restos de conchas, restos de cozinhas e de esqueletos. Vestígios de tribos pré-históricas que habitaram no litoral Americano. No principal museu da cidade, Museu Anita Garibaldi, estão expostas algumas peças encontradas nos sambaquis, como ferramentas e utensílios usados nos processos culinários. Porém, nos registros encontrados até o momento, não se sabe se a população de sambaquieiros foi extinta ou migrou. Sabe-se apenas que foi sucedida pelos indígenas Jê, grupo que predominou na região dos séculos II a VII, quando chegaram os Tupis-guaranis, chamados pelos europeus de Carijós (Santos, 2004).

<sup>5</sup> Aqui o autor faz uma diferenciação entre a “diáspora colonial” e, a “diáspora laboral” realizada pelos açorianos para os Estados Unidos e Canadá, dois séculos depois. (Lacerda, 2003)

escala. A cidade também se destaca pela produção de tarrafas, redes e pequenas embarcações. Não há a instalação de grandes indústrias na cidade. Sua atividade econômica principal é a pesca, tanto artesanal como de grande escala, seguida do comércio. Laguna é uma cidade de pescadores, como alguns deles afirmam: “Isso aqui é área de pescador e só tem pescador, não tem vagabundo” (Pescador Seu Latinha).

A prática da pesca na qual o boto auxilia o pescador artesanal se realiza em diversos pontos da Lagoa de Santo Antônio dos Anjos, que permeia grande parte da cidade. Essa pesca é, na sua maioria, uma prática diurna e masculina. Os pescadores em alguns pontos posicionam-se em botes e, em outros, em pé com água pela cintura, esperando um sinal do boto. O mamífero marinho direciona o cardume até encurralá-lo em frente aos pescadores, quando isso acontece o boto salta. Tal movimento é interpretado pelo humano como o momento certo de jogar a tarrafa e a direção adequada também é apontada durante o salto. Obviamente, é necessário um conhecimento prévio e específico dos pescadores, pois os botos fazem inúmeros movimentos e cabe ao pescador a tarefa de decidir quando o cetáceo está auxiliando a pesca e quando não está.



Figura 1 - Pesca artesanal com auxílio dos botos. Imagem amplamente divulgada pela prefeitura. Autoria Ronaldo Amboni.

A pesca artesanal com auxílio dos botos está presente em Laguna, como afirmam os pescadores, desde muitos anos. Segundo Lacerda (2003), a produção de eventos de promoção da cultura dos Açores não é tão antiga assim e se intensificou a partir de 1994, “marcados pela evocação da herança e das tradições açorianas”. Na 21ª Festa da Cultura Açoriana de Santa Catarina, observou-se que o espaço reservado à cidade de Laguna era repleto de figuras e imagens dos botos e da pesca. Há, portanto, uma indicação da apropriação dessa prática na construção da *açorianidade*<sup>6</sup> da cidade. Em 24 de novembro de 2015, foi inaugurada na Praia dos Molhes uma estátua na forma de boto, em homenagem à pesca artesanal com auxílio dos botos.

Se a pesca artesanal em Laguna está presente desde tempos idos é importante conhecer essa mesma prática em outras regiões do Brasil. Por um lado, visualizar a extensa faixa litorânea do território brasileiro permite imaginar que, desde tempos imemoriais, populações litorâneas ou ribeirinhas retiraram seu sustento dos rios, dos mares e das lagunas. Permite imaginar também como elas sobreviveram ao redor dessas práticas. Ou, como suas vidas, começando pelo corpo, seguindo pelas suas moradas e seus alimentos foram moldados pelas características desses mesmos ambientes aquáticos.

Há consenso entre os estudiosos de que a formação de várias comunidades litorâneas no Brasil aconteceu no período que vai do século XVIII ao início do século XX e que, em grande medida, essas populações viviam da atividade pesqueira. Entretanto, a constatação de uma ocupação alhures dessas comunidades, assim como a sua permanência na extensa faixa litorânea brasileira, não pressupõe a existência de um único tipo de pescador artesanal. É preciso tomar distância de uma noção essencialista de comunidade, como a ideia da existência de isolamentos e/ou continuidades desses grupos. Entretanto, pode-se defender a tese de que o conhecimento dos pescadores é oriundo das práticas do cotidiano, do vivido e compartilhado geração após geração. Visão consensual de vários estudiosos (MARQUES, 1991; PAZ e BEGOSSI, 1996 apud RAMIRES et al., 2007).

---

<sup>6</sup> Assim como Lacerda (2003), se emprega o termo como “discurso político e cultural”.

Clauzet et al. (2005) apontam uma definição de pescador artesanal que pode dar também subsídios para nossa compreensão:

Pescadores artesanais podem ser definidos como aqueles que, na captura e desembarque de toda classe de espécies aquáticas, trabalham sozinhos e/ou utilizam mão de obra familiar ou não assalariada, explorando ambientes ecológicos localizados próximos à costa, pois a embarcação e aparelhagem utilizadas para tal possuem pouca autonomia (CLAUZET, 2005, p. 1).

Essa definição, em grande medida, pode se aplicar a várias comunidades que ocuparam as regiões do litoral brasileiro, faixa litorânea que, como diz Adams (2000), após o descobrimento de Brasil foi quase a única área de povoamento. Porém, houve diversas condicionantes destacadas pelos estudiosos que impulsionaram mudanças inclusive no próprio conhecimento desses pescadores tradicionais. Sobre este último tema, a introdução do motor de centro, por exemplo, foi uma dessas mudanças. Esses avanços tecnológicos outorgaram uma maior autonomia aos pescadores ativando também novas percepções sobre o meio ambiente (MOURÃO, 1971 apud Adams, 2000). Valendo-se de um enfoque etnoecológico<sup>7</sup>. Ramires et al. (2007, p. 101), defendem que “através da pesca artesanal os pescadores exploram o ambiente aquático de forma peculiar e mantêm grande diversidade de interações diretas com o ambiente”. E a perspectiva de resgatar o conhecimento dos pescadores apontaria para a conservação da biodiversidade. Por sua vez, Costa-Neto e Marques (2000<sup>a</sup>), Clauzet (2003) e Lopes (2004) citados por Ramires et al. (2007), argumentam que acessar ao conhecimento dos pescadores artesanais sobre diversos temas: comportamento, hábitos alimentares, reprodução, representam dados valiosos quando se pensa no desenvolvimento de plano de manejo sustentável.

Já para Adams (2000) se baseando em estudos realizados por McCay (1978) sobre populações tradicionais pescadoras residentes em outros países revela a existência de processos permanentes de mudança entre essas

---

<sup>7</sup> Referendando a V. M. Toledo (1992) e a V. D. Nazarea (1999) Ramires et al. (2007, p. 102) definem Etnoecologia como “o estudo dos conhecimentos, estratégias, atitudes e ferramentas que permitem as diferentes culturas produzir e reproduzir as condições materiais de sua existência social por meio de um manejo apropriado dos recursos naturais. (...)”.

populações influenciadas pelas sociedades regionais / nacionais. Nesse contexto de continuidades e transformações da pesca artesanal nosso interesse, a título desta reflexão, é trazer algumas das questões de pesquisa identificadas em Laguna/SC.

## **2. Pescadores artesanais com auxílio dos botos em Laguna**

Fazer referência à cidade de Laguna, logo vem à mente uma cidade típica de pescadores: artesanais, embarcados, aqueles que praticam diferentes tipos de pesca e que são conhecedores de vários tipos de técnicas, os que pescam pela sobrevivência ou pelo lazer. Esses pescadores alternam a pesca e a técnica de acordo com a época dos diferentes pescados da região. Dentre as diversas atividades relacionadas à pesca praticadas pelos pescadores em Laguna, temos desde trabalhos temporários no porto pesqueiro até a comercialização do peixe vivo na própria praia ou no comércio dentro e fora de Laguna. Atividades relacionadas ao processamento dos peixes, limpeza e congelamento. A confecção de redes e tarrafas e a carpintaria náutica, como o reparo e fabricação de pequenas embarcações.

A grande parte dos pescadores está o ano todo envolvido com atividades ligadas à pesca, e esse fato, para alguns, é essencial para ser considerado pescador. Para viver o ano todo pescando, para tirar o sustento da pescaria e seus derivados, o pescador artesanal precisa entender de muitas técnicas como de conhecer os segredos da natureza: ventos, marés, hábitos dos peixes, dos botos, da geografia local. O saber acumulado sobre os segredos da natureza mostra a estreita relação que os pescadores guardam com o entorno natural, com o qual se defrontam cotidianamente na lida da pesca.

No senso comum, a pesca é imaginada como um universo masculino, mas há muitas experiências que mostram a mulher ocupando um lugar central na pesca. Gerber (2015) faz referência aos locais tidos como centrais nas vidas das mulheres pescadoras, conforme a autora, esses locais seriam os ranchos de pesca e as cozinhas “onde o elemento fogo é presença certa para que os processos de transformação de cru em cozido sejam possíveis” (GERBER, 2015, p. 52). Em visitas a casas de pescadores tivemos oportunidade de presenciar

suas mulheres no congelamento de peixes, no preparo de marmitas, na confecção de redes e tarrafas, entre alguns dos trabalhos ligados à pesca que elas realizam. Sobre os usos dos locais ligados à pesca artesanal observamos que os ranchos de pesca supracitados referenciados por Gerber (2015), assemelham-se aos trapiches localizados nos bairros por nós estudados. Nesses locais, realizam-se atividades como fazer e arrumar tarrafas, consertar embarcações, limpeza e preparo do peixe, atividades todas ligadas à pesca. A maioria de seus frequentadores é homem pescador. Entretanto, também são lugares de encontro familiares. Os trapiches<sup>8</sup> em Laguna são mostra viva do lugar que esses ambientes ocupam na vida do pescador, desde a idealização até a sua construção. São estruturas que podem ser concebidas como ambíguas pela sua localização entre o elemento terra e o elemento água. Estruturas feitas de materiais reciclados que, salvando sua precariedade, respondem a um ordenamento sócio-espacial que define de forma precisa o que é público e o que é privado para o pescador. As fachadas dos trapiches voltadas para a rua apresentam diversas formas de fechamento (em grande medida pelos materiais reciclados utilizados). Quando se faz uma leitura visual delas, percebe-se explicitamente o critério de propriedade, a demarcação do privado. Se a água da lagoa pode ser considerada patrimônio comum da comunidade, os trapiches têm dono. Os materiais usados, a simbologia de cada uma das partes mostra até que ponto os trapiches identificam o pescador. Desde o tipo de porta, o tipo de fechamento, as cores, até os limites entre trapiches e destes em relação à água são sinalizadores que identificam seus donos.

---

<sup>8</sup> O significado de trapiche encontrado no dicionário informal o define como “pequeno atracadouro para embarcações de pequeno porte, utilizado para embarque e desembarque ou mesmo como plataforma para pescarias”. De forma poética ainda, fazem referência a um trecho do livro de Jorge Amado, intitulado: *Capitães da Areia*, em especial quando este escreve: “sob a luz da lua, num velho trapiche abandonado, repousavam os Capitães da Areia”. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/trapiche/>. Acesso em 30 ago. 2017.



Figura 2 - Trapiches. Aatoria Fátima Satsuki de Araujo lino.



Figura 3 - Trapiches. Aatoria Fátima Satsuki de Araujo lino.

Esses lugares formam parte do cotidiano do pescador. Funcionam como atracadouros para embarque e desembarque, como plataformas de pesca, como espaço para o pescador limpar e preparar os peixes, guardar e reparar suas redes e tarrafas. Em muitos casos, termina sendo um lugar de sociabilidade com outros pescadores, um lugar para seu descanso e para compartilhar com a própria família, sendo de fato uma extensão de suas casas.

Mas houve e há uma pergunta recorrente entre nós, onde foi e como eles aprenderam as lidas da pesca? A maioria deles relatou que aprendeu com “os mais velhos”, direta ou indiretamente. Pode-se afirmar que muitos dos filhos desses pescadores iniciaram seu aprendizado ao lado dos pais ainda na infância. O conhecimento passado de geração em geração constitui, para esta população, uma das formas tradicionais de aprendizado. Voltar ao passado, para muitos desses pescadores, e adentrar nas memórias do que é ser ou como foi se transformar em pescador mobiliza o que poderíamos denominar de memória afetiva e de sentido da vocação. “Eu acho que nasci na embarcação, acho que todo pescador já nasce na embarcação!”.(Pescador Seu Carmino).

Na nossa pesquisa, a observação da pesca artesanal com o auxílio dos botos foi feita numa praia da cidade de Laguna denominada cartograficamente Praia dos Molhes. Nessa praia, por sua vez, existe um recanto denominado pelos pescadores de *Tesoura*<sup>9</sup>, pois, segundo eles, no fundo do mar as pedras formam um desenho de tesoura. Na *Tesoura*, os pescadores se organizam em equipes para a pesca. Elas são, na maioria das vezes, compostas de três ou mais membros, que se revezam entre ficar na água tarrafando, ficar na areia observando o movimento dos botos e dos outros pescadores e, ficar na areia para comercializar o peixe. As equipes são formadas sempre no início do dia. Não existem equipes fixas, mas sim pessoas que circulam entre elas por afinidades. No final do dia as equipes se dissolvem e dividem o dinheiro arrecadado em partes iguais. Normalmente a estratégia consiste em juntar um pescador mais habilidoso para tarrafar, um mais apto para negociar e outro mais experiente para observar os botos e outros pescadores. Cada equipe na *Tesoura*

---

<sup>9</sup> Cada vez que nos referiremos a essa praia a denominaremos de *Tesoura*, nome atribuído pelos pescadores

tem o seu lugar (*vaga*) e vez de tarrafar. Nenhum pescador soube dizer desde quando eles se organizam desse modo apenas disseram que assim funciona desde sempre.

Essa organização do território da pesca em *vagas* e *vezes*, usada pelos pescadores artesanais com auxílio dos botos na *Tesoura*, seria o equivalente ao observado por Simone Maldonado (1994) em seus estudos sobre pesca artesanal:

(...) A literatura sobre pescadores mostra ser generalizado que eles se organizem e façam, dentro da teoria local o gerenciamento e a exploração dos espaços de cada comunidade, dividindo o mar em zonas de pesca, mares, bancos de peixe, pesqueiros, “pedras” e “grounds”. (MALDONADO, 1994, p. 98)

Muitos aspectos compõem a relação que os pescadores estabelecem com os botos. São narrativas de afetos e desafetos, de trabalho e lazer, de parcerias. Esses relatos expressam a ideia de cooperação e de negação por parte do boto. De ajuda e dedicação do pescador em relação ao boto. De identificação e preferência por algum deles. Essa última característica que se encontra presente nas narrativas dos pescadores sobre suas relações com os botos, diz respeito ao tipo de identificação que os pescadores mantêm com eles. Ambos são reconhecidos pelos pescadores como dois grupos de trabalhadores buscando a sobrevivência. Como observamos na seguinte fala: “o boto é também pescador!” (Pescador Seu Guerrinha). Quando o assunto é a nomeação ou batismo dos botos a humanização é evidente e a correspondência entre pescador e boto também. Nomear um boto gera prestígio para os pescadores, principalmente quando esse nome é aceito e usado por todos os pescadores de um mesmo local. Os nomes e a distinção usual de botos que cooperam e não cooperam são reflexos de uma classificação feita pelos pescadores, pautadas em elementos da sociedade humana, moral e estética.

Observa-se nessas falas sentimentos de reciprocidade atribuídos aos botos, como a devolução de afeto. Desde que os pescadores salvaram a vida de algum boto permitindo assim a continuidade da cooperação. Como a visão que defende que os botos sabem quem os ajudam e os reconhecem sendo assim as suas narrativas mais afetuosas. Em ambas as situações e versões, a humanização do boto e a ligação com o pescador é aceita como algo natural.

As narrativas da relação dos pescadores com os botos também são pautadas pela questão geracional, os botos mais velhos são reconhecidos pela sua experiência. Na classificação feita pelos pescadores os botos mais velhos trabalham melhor. Pode se afirmar que existe uma relação de parceria entre pescadores e botos. Essas identificações podem ser ilustradas, por exemplo, quando os pescadores privilegiam, em seus relatos, certos botos em detrimento de outros. Entretanto, essas narrativas não se restringem à esfera meramente do trabalho, a parceria se constitui em várias esferas referentes à vida: classificações estéticas, morais, afetivas, nominais que, em seu conjunto, espelham o *ethos* do pescador artesanal de Laguna.



Figura 4 - Parceria boto x pescador. Autoria Ronaldo Amboni.



Figura 5 - O movimento na *Tesoura*. Autoria Ronaldo Amboni.

Na época da safra da tainha, meses de maio até meados de agosto, podem-se encontrar cenas protagonizadas por pescadores artesanais, tarrafas, tainhas e botos nessa mesma praia da *Tesoura*. Devido a uma intensa movimentação de visitantes durante os finais de semana nessa praia, o lugar se organiza de forma diferenciada. Os pescadores criam espaços para venda, expondo seus peixes sobre os bancos que utilizavam antes para a pesca, sobre engradados, sobre alguma pequena lona ou estendido no chão diretamente na areia, forma mais recorrente. A pesca continua acontecendo. As vendas ocorrem paralelamente. São exatamente as comercializações que ditam o ritmo diferenciado de sociabilidade no lugar. Pode-se afirmar que a venda de peixe nesses finais de semana é um momento no qual outras relações são estabelecidas. É quando os pescadores se encontram com a sociedade de Laguna e com os turistas que visitam a cidade. Uma sociabilidade que ultrapassa a relação de pescador com pescador e exige uma nova *performance*, na qual o sujeito pescador adota a postura de um sujeito vendedor. A paisagem nesses dias é composta por pescadores, tarrafas, peixes vivos e visitantes. Mais que um lugar de praia, se assemelha a um mercado público de peixes ao ar livre: onde se pratica a barganha entre pescador e freguês e se privilegia a qualidade.



Figura 6. Comercialização dos pescados. Fonte, Natália Pérez Torres

### 3. O campo do patrimônio cultural em Laguna

Pensar a cidade de Laguna como duas faces de uma mesma moeda visa problematizar o que se entende por patrimônio cultural quando o objeto prioritário da pesquisa são as práticas do cotidiano. Existe um enfoque da cidade que perdura através de seus muros, ruas, arquiteturas e monumentos. Considerando o que resta de sua materialidade, talvez, de um passado glamoroso oculto ao passar dos anos. Uma perspectiva adotada de tempos idos pela esfera oficial, que evoca quem a governou, quais foram seus heróis e o que deveria se preservar. Existem outros enfoques sobre essa mesma cidade que evocam àqueles que fazem e fizeram sua história, que dão sentido à(s) cidade(s), e que não ocupam precisamente um lugar de destaque no que se concebe como campo do patrimônio cultural. No caso específico deste artigo o objetivo prioritário foi pensar nos pescadores artesanais sob a singularidade da pesca com o auxílio dos botos. Mas a pergunta que aflorou e não quis calar foi: qual é o lugar que eles ocupam em relação ao campo patrimonial ou, melhor

ainda, existe algum lugar nesse campo também para eles? Não custa lembrar o pensamento dos pescadores locais sobre essa questão: Laguna para eles seria uma cidade de pescadores. Esta sentença, na voz dos pescadores, seria um dos rumos exploratórios, por nós priorizados, para avançar nos meandros dessa disputa e levantar ainda uma nova questão: pois bem, de quem é então, Laguna? Talvez, para muitas pessoas essa questão pareça incongruente. Porém, revela a ideia de pertença e de apropriações identitárias, expressas no plano da linguagem do cotidiano e que abriga a ideia do que é, ou poderia ser considerado lagunense.

Assim, vemos que é possível pensar a cidade de Laguna sob essas duas faces do campo patrimonial: o lado do material, daquilo que é valorizado sem riscos de dúvidas por uma parte razoável da população, incluindo os órgãos governamentais e, composto por edifícios, igrejas, monumentos e seu traçado urbano. E o lado do imaterial, terreno que não é precisamente consensual e que se traduz no âmbito das vivências e das práticas dos diferentes grupos sociais.

A título deste trabalho, partimos do pressuposto de que existe um falso dilema do patrimônio concebido como material ou imaterial e nosso interesse por delinear a dinâmica desse campo de disputas baseia-se no sentimento de querer destrinchar lugares de sombra nele. Se o patrimônio cultural representa ou deveria representar a nação brasileira, constata-se que, de forma intermitente, sempre existiu uma relação tensa, de forças desiguais na hora de escolher e decidir quais as manifestações culturais representa o patrimônio cultural brasileiro.

Sob a perspectiva desse par material-imaterial cunhado pela desigualdade e aceito de forma hegemônica, deu-se prioridade, basicamente, para o reconhecimento do patrimônio material. Representado por estilos arquitetônicos de época, por monumentos louvando homens e datas históricas oficiais, por artefatos pertencentes aos homens tidos como ilustres pelos governos de turno, por museus depositários de todo tipo de artefatos (públicos ou do cotidiano) representando épocas gloriosas do Estado Nação. Assim, criam-se campos de penumbra para os fazedores desta mesma nação. Sem pretender reduzir a

importância e riqueza do patrimônio material da cidade, as amostras patrimoniais e sua continuação são fiéis exemplos dessa realidade.

Laguna possui uma familiaridade com a questão patrimonial e um explícito recurso histórico turístico. No ano de 1985, o Centro Histórico da cidade foi inserido no Livro Histórico e no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, por conta de sua importância arquitetônica, com inspiração açoriana e seu valor histórico. O perímetro desse Centro Histórico possui todo seu calçamento feito em paralelepípedos. Dentre as notáveis construções que o compõe estão: a Casa de Câmara e Cadeia, construção de 1735 e que desde 1949 abriga o Museu Histórico Anita Garibaldi, já citado na primeira parte deste livro. A Fonte da Carioca, com arquitetura luso-brasileira foi construída em 1863 e ampliada em 1906. A Casa de Anita, erguida em 1711 e restaurada em 1970, quando se tornou relicário histórico da trajetória de Anita Garibaldi. A Igreja Matriz de Santo Antônio dos Anjos, padroeiro da cidade, construída em 1696 para substituir a antiga capela de pau-a-pique. A Casa Pinto D'Ulisséa, datada de 1866 tem seu revestimento todo em azulejos portugueses. O Mercado Público, da década de 50, atualmente em processo de restauro. E o Cine Teatro Mussi inaugurado em 1950, passou recentemente por restauração, sendo reinaugurado no final de 2014.



Figura 7. Vista do Centro Histórico. Fonte: Ronaldo Amboni.

Mas, a categoria referente à materialidade do bem patrimonial é revista por alguns estudiosos. Em relação ao entendimento do patrimônio cultural material

Gonçalves (2005) argumenta que a condição de materialidade faz parte da natureza do próprio bem patrimonial, sendo inverossímil pensar em patrimônio sem fazer referência a sua dimensão material. Entretanto, afirma que a categoria de patrimônio, transita em ambas as dimensões: material - imaterial, onde o material e o imaterial aparecem de modo indistinto nos limites da categoria. Sobre essa mesma hierarquia atribuída aos bens patrimoniais que configuram nossas cidades – arquiteturas e/ou monumentos oficiais – Castells (2012) sustenta que ao pensar a cidade, suas arquiteturas e equipamentos urbanos que a constituem [parques, passeios, bancos, fontes, luminárias, cores, etc.], além de serem expressões materiais de formas e configurações de espaços estes são portadores de significados e suportes geradores de identidades, sentimentos e imaginários que correspondem à ordem do patrimônio imaterial. As colocações supracitadas desse autor sobre a complementaridade do par: material-imaterial identificada nos bens patrimoniais urbanos nos permite pensar os bairros da periferia em Laguna, em particular aqueles habitados por pescadores localizados na frente da lagoa, e que entre suas edificações encontram-se construções feitas pelos próprios pescadores conhecidas no lugar como trapiches. Esse exemplo nos resulta expressivo para pensar o que entendemos seja uma falsa dicotomia. Essas produções feitas pelos pescadores artesanais se fossem pensadas em termos patrimoniais não poderiam ser concebidas nem como arquitetura, nem como arte, nem como técnica, menos pelo seu valor estético. Entretanto, os trapiches podem ser descritos por um lado, como misto de reciclados, tipologia de palafitas e de uma expressiva criatividade de seus próprios construtores, donos e usuários. Lugares, por excelência, da vida do pescador e de sua família. O que resulta sempre em novos questionamentos para entender o que seja patrimônio. Os trapiches, como construções materiais que não evocam estilos arquitetônicos, nem lhe são atribuídos tipos de beleza convencional, expressam identidade para a comunidade de pescadores? Objetos como embarcações, rendas, tarrafas, trapiches feitas nas redondezas sintetizam ou evocam algum tipo de reconhecimento para essa comunidade? Entendemos que parte dos questionamentos citados deveria ser peneirada sob a perspectiva da definição de bem patrimonial: uma noção de bem de referência cultural, pela qual se

pressupõe a existência de sujeitos [de carne e osso] para quem as referências façam sentido (Fonseca, 2005).

Na esfera política essas duas faces, material e imaterial, constituem-se de várias formas na história patrimonial, sinal de que elas mascaram e/ou evocam fatores discordantes. Castells (2010) nos faz lembrar que, na etapa caracterizada como de pedra e cal no Brasil, somente os bens culturais materiais, edifícios arquitetônicos que se destacaram por seu valor único e excepcional, eram considerados bens patrimoniais. A produção pertencente aos grupos populares não era contemplada, nem digna de ser preservada. Entretanto, corroborando com o que já se falou da disputa material - imaterial, a autora explicita que o patrimônio material representado por monumentos, palácios, igrejas, cidades, centros históricos, entre outros, expressam uma posição hierárquica destinada à cultura, sendo legitimados pelos governos como símbolos incontestáveis dos patrimônios nacionais e representantes unívocos de seus grupos hegemônicos. Revela também que essa visão hegemônica foi revista pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), optando-se por um enfoque mais antropológico no registro e na documentação dos testemunhos culturais das distintas culturas.

Retomando os relatos e vivências dos pescadores artesanais de Laguna e a sugestão da UNESCO de optar por um enfoque mais antropológico no registro e documentação dos testemunhos das culturas, interessa resgatar uma das etapas desta pesquisa: as oficinas de educação patrimonial<sup>10</sup>. Antes, fazer referência a narrativas do senso comum sobre a (des) continuidade da prática da pesca artesanal em Laguna devido à falta de interesse dos jovens lagunenses. Como a preocupação dos pescadores para que seus filhos estudem e possam ter vidas menos sacrificadas e trabalhos melhor remunerados. Sem desconhecer a importância dos motivos elencados, houve por parte da nossa

---

<sup>10</sup> O Projeto "Educar, documentar e valorizar para preservar: pesca artesanal com auxílio de botos em Laguna" contou com duas oficinas destinadas a 45 jovens das comunidades pesqueiras da localidade, são estudantes do ensino fundamental II e ensino médio. Foram selecionados e indicados pelo Centro de Referência de Assistência Social – CRAS/Vila Vitória. Uma oficina foi de audiovisual, ministrada pela produtora Projeto Pangéia Documentários. A outra foi de fotografia, ministrada pelo fotógrafo Ronaldo Amboni.

equipe<sup>11</sup> um interesse redobrado por conhecer a percepção desses jovens referentes a prática estudada. Assim como Koury (1999, p. 66), defendemos que as fotografias podem nos contar “histórias ou estórias que outros nos contam”. Em nosso caso são histórias e estórias sobre a pesca artesanal em Laguna, através dos olhares e percepções dos jovens oficinaistas, revelando categorias e referenciando a materialidade e a imaterialidade dessa prática, os saberes e fazeres que as envolvam.

Entre as fotos produzidas na pesquisa, nosso olhar se debruçou sobre aquelas que, retratadas pelos oficinaistas, espelhavam os saberes e fazeres dessa pesca artesanal. E também, àquelas feitas pelo fotógrafo profissional, lagunense Ronaldo Amboni, que participou das oficinas como professor de fotografia, pois além da qualidade estética de suas imagens revela o conhecimento atento e profundo desse tipo de pesca.

A partir do nosso pressuposto, de que as imagens podem retratar bens patrimoniais, bens de referência cultural dessas comunidades foi feito, nesses termos, um levantamento das fotografias resultantes da oficina. O intuito era a identificação dos temas escolhidos e a recorrência ou não das categorias nativas identificadas junto aos pescadores artesanais no decorrer de nossa pesquisa. A ideia foi fazer um cruzamento entre as categorias evocadas nas imagens fotográficas na oficina e as categorias surgidas dos depoimentos dos pescadores artesanais. É bom não esquecer: quando se fala em bens de referência cultural deve haver reconhecimento desses mesmos bens entre seus pares. Ou seja, a nossa proposta de articular dois tipos de discurso, oral e visual, pressupõe que as categorias identificadas devam ter ressonância entre elas (GONÇALVES, 2005).

No levantamento das fotos dos jovens oficinaistas observamos que fora retratado o cotidiano da pesca e que houve diálogo com as narrativas colhidas dos próprios pescadores. Foram identificados elementos presente na arte de ser pescador; do conhecimento e produção das *artes de pesca*; dos segredos da natureza; do enfrentamento das intempéries climáticas; da valorização dos

---

<sup>11</sup> A equipe de pesquisa contou com a professora doutora em antropologia social Alicia Norma González de Castells, a mestra em antropologia social Fátima Satsuki de Araujo Iino, a mestre em urbanismo, história e arquitetura da cidade Natália Pérez Torres e o graduando em antropologia Jonatan Agostinho Cardoso.

trapiches; da lida da pesca na *Tesoura*; das parcerias entre pescadores e deles com os botos.

Para os pescadores, como nos fora relatado, uma das condições para se tornar pescador artesanal é entender das *artes de pesca*. Pescadores remendando ou fazendo suas tarrafas e redes foram fotografadas pelos jovens. Mãos *consertando* peixes também figuram entre os elementos que podem representar a pesca artesanal em Laguna. A participação feminina foi motivo de representação. O que nos confirma, por um lado, a presença da mulher na pesca, por outro, que seu trabalho é reconhecido pela comunidade pesqueira.

Os pescadores artesanais com os quais conversamos para esta pesquisa nos relataram os enfrentamentos que seus corpos são submetidos. Algumas fotografias demonstraram que esses desafios são reconhecidos pelos jovens lagunenses. Há o registro imagético do tempo e da corporalidade do pescador na prática da pesca tradicional.

Um dos elementos muito presente nas fotografias foram os trapiches. Em Laguna, como vimos, esses locais servem também de lugar de sociabilidade entre pescadores. Essas construções e as diversas atividades que nelas ocorrem foram exaltadas nas fotografias e registradas de muitos ângulos e focos.

Entre as imagens retratadas pelos oficinistas, revela-se a identificação dos jovens com a tradição das práticas artesanais e com o nível de parceria que exigem. Exemplos da aproximação entre a representação dos jovens oficinistas e dos detentores do saber, no caso, os pescadores. Assim, as imagens captadas pelos oficinistas foram agrupadas por nós em várias sequências fotográficas temáticas que retratam tanto os bens patrimoniais materiais de Laguna quanto os bens patrimoniais imateriais materializados na vida do pescador artesanal com auxílio dos botos: trapiches; embarcações; bateras, botes e tarrafas; o corpo do pescador na lida da pesca artesanal; etapas da pesca artesanal; o preparo e cocção dos alimentos, entre outros.

As imagens dos oficinistas permitiram identificar a continuidade do conhecimento adquirido através das vivências de várias gerações de pescadores, como testemunhado no cruzamento de depoimentos e imagens dessas vivências. Das imagens retratadas nas sequências pode-se afirmar que

as vivências do entorno sócio - espacial dos pescadores artesanais (saberes e fazeres) fazem parte também do cotidiano das novas gerações dessa comunidade. Elas fazem sentido para esses jovens. Suas percepções traduzidas nas imagens fotografadas são mostra desse compartilhamento comum da realidade.



Figura 8. Pesca artesanal em Laguna. Fonte: Ronaldo Amboni.

A foto do profissional Ronaldo Amboni que enquadra a Lagoa Santo Antônio dos Anjos em Laguna foi escolhida porque apresenta imagetivamente dois planos para análise: um no nível da água e outro, da terra. No primeiro plano, vemos duas embarcações com pescadores embarcados, de costas à câmera do fotógrafo, dirigindo seus olhares para o centro velho da cidade. Evoca-se a representação do cotidiano e também do anonimato. No segundo, encontra-se o edifício do mercado público rodeado por outras construções da cidade. Neste último, evoca-se a ideia do oficial, do histórico e da memória coletiva depositada nesse tecido urbano e nessa construção com resquícios de vidas passadas. Atualmente em fase de restauração pelos órgãos competentes, essa construção ocupa um lugar no campo patrimonial de Laguna. Cabe ressaltar que na composição do cenário retratado pelo fotógrafo, apresenta-se uma paisagem muito familiar dos lagunenses: a da pesca na lagoa. É importante destacar que

essa foto, se reproduzida numa escala nacional ou internacional, os homens continuariam anônimos e as embarcações também. Porém, os pescadores e suas embarcações, as edificações e a mata verde do morro, compõem para os outros, para os de fora da cidade, uma paisagem da cidade de Laguna preste a imaginar, a desejar. Já para os moradores lagunenses, além do reconhecimento da paisagem característica da lagoa, formada por construções históricas, embarcações, homens e botos, todos atrás da captura do peixe, essas peças do retrato podem ter lembranças, nome e atributos. Os pescadores podem ser parentes, podem ser reconhecidos pelas suas proezas. As embarcações identificadas pelas suas cores, tipos e nomes. Os botos pelos seus circuitos na lagoa, pelas suas marcas e pelo seu *trabalho*. Os edifícios carregados de histórias. Em síntese, o cenário retratado no âmbito do material faz sentido para os moradores locais também no âmbito do imaterial: evoca vivências, lembranças, emoções, histórias e estórias. A configuração da paisagem retratada na foto já é uma paisagem cultural. Ela retrata um bem de referência cultural do lagunense expondo a dimensão material que, por sua vez, evoca a dimensão imaterial.

Em síntese, desde os detentores dos saberes que produzem essa prática, dos mediadores que intercedem ante as políticas culturais, das forças do mercado que usufruem através da indústria do turismo, entre outras, a prática analisada pode ser pensada como um bem de referência cultural Lagunense.

Cabe esclarecer que quando se pensa nos pescadores artesanais em termos do lugar que eles poderiam ocupar no campo patrimonial, é necessário um consenso dos agentes desse campo que garanta a continuidade ou sobrevivência dessas práticas. Entretanto, acreditamos que não seja assim um terreno tão harmônico como se pode imaginar. Somente se transforma em consensual quando seus elementos característicos (pesca, botos, tarrafadas) terminam sendo objeto midiático. O patrimônio pode ser nesses termos pensado como bem de referência ou como recurso (ARANTES, 2006). No contexto delimitado, entendemos que pesca artesanal com auxílio dos botos se torna mais um atrativo como recurso: a esperança de uma ascensão turística expressiva para o desenvolvimento do ramo da hotelaria, de restaurantes, de pousadas e

do comércio em geral da cidade. Depende do interesse e acionar das políticas públicas que exista equilíbrio entre essas faces do patrimônio.

## Referências

- ADAMS, Cristina. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, São Paulo, n. 1, v. 43, USP, p. 142 – 182, 2000.
- ARANTES, Antonio. O patrimônio cultural e seus usos: a dimensão urbana. **Habitus**, Goiânia, v.4, p. 425 – 435, 2006.
- CADORIN, Aldicio. **Laguna Terra Mater** – Dos Sambaquis à República Catarinense. Blumenau: Nova Letra, 1ed., 2003.
- CASTELLS, A.N.G. La inmaterialidad del mundo de los sectores subalternos. In: **Patrimonio y cultura en América Latina: Nuevas vinculaciones con el estado, el mercado y el turismo y sus perspectivas actuales**. Guadalajara: Ed. Acento Editores/Alfredo Gutierrez, 2010.
- CASTELLS, A. N. G. ; ARAUJO IINO, Fátima Satsuki. . **Educar, Documentar e Valorizar: Pesca Artesanal com Auxílio dos Botos em Laguna**. 1. ed. Laguna: da autora. 160p, 2015.
- CASTELLS, E.J.F. Patrimônio em questão: o tangível e o intangível no patrimônio de uma cidade histórica. In: **Patrimônio cultural e cidade contemporânea**. Florianópolis: EdUFSC, Coleção Urbanismo Arquitetura da Cidade, 2012.
- CLAUZET, Mariana ; RAMIRES, Milena. ; BARRELLA, Walter. Pesca Artesanal e Conhecimento Local de duas Populações Caiçaras (Enseada do Mar Virado e Barra do Una) no Litoral de São Paulo, Brasil. **Multiciência**, Campinas, v. 4, p. 1-22, 2005.
- FONSECA, Maria C. L. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Minc – IPHAN, 2ed., 2005.
- GERBER, Rose Mary. **Mulheres e o Mar** - Pescadoras embarcadas no litoral de Santa Catarina, Sul do Brasil. Florianópolis: Editora da UFSC, 1ed., 2015.
- GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, 2005.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Imagem e Narrativa - Ou, Existe um Discurso da Imagem? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n. 12, v. 5, p. 59 – 68, 1999.
- LACERDA, Eugenio Pascele. **O atlântico açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade**. Tese (Doutorado)- Universidade

Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis, 2003.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Mestres e Mares**. Espaço e Indivisão na pesca marítima. São Paulo: Annablume, 2ed., 1994.

MCCAY, B. J. Systemsecology, peopleecology, and theanthropology of fishingcommunities, Human Ecology. In: ADAMS, Cristina. (2000). As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. **Revista de Antropologia**, n. 1, v. 43, USP, p. 142 – 182, 1978.

RAMIRES, Milena.; MOLINA, Silvia Maria Guerra ; HANAZAKI, Natalia. **Etnoecologia Caiçara**: o conhecimento dos pescadores artesanais sobre aspectos ecológicos da pesca. Biotemas, n. 1, v. 20, p. 101-113, 2007.

SANTOS, Silvio Coelho dos. **Nova história de Santa Catarina**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1ed, 2004.